

ALGUMAS QUESTÕES ESTÉTICAS, HISTÓRICAS E POLÍTICAS NA OBRA DE FRIEDRICH SCHILLER

Ana Paula da Silva Martins (Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras – Ciência da Literatura/ UFRJ)

Introdução

A proposta deste trabalho é fazer uma reflexão introdutória sobre as principais temáticas presentes na obra de Friedrich Schiller. O contato com a obra do autor foi travado pela primeira vez durante a disciplina do mestrado e ainda que suas idéias me pareçam por demais complexas para serem abarcadas em apenas um semestre de curso, neste trabalho pretendi fazer um exercício de análise e reflexão sobre algumas questões estéticas, históricas e políticas que permeiam a obra do autor, assim como o que pude nesse curto contato apreender sobre elas. Desta forma, este trabalho é muito mais um breve texto onde poderei expor, de alguma forma, minha trajetória de aprendizado e diálogo com a obra de Schiller do que mais propriamente um tratado de aprofundamento e problematização dos conceitos do autor. Desta forma, a partir de três de suas principais obras – *Poesia Ingênua e Sentimental*, *Kallias ou sobre a beleza* e *A educação Estética do homem* – pretendi desenvolver minhas reflexões sobre três temáticas distintas, porém entrelaçadas: as relações entre Schiller e Goethe, as relações entre a estética de Schiller e Kant e a questão da objetivação da arte e do belo e da necessidade da educação estética do homem. A partir da primeira temática, busco estabelecer de que forma as relações com Goethe tornaram-se fundamentais para o pensamento de Schiller e para a construção de suas idéias sobre o modelo clássico de poesia e sua crítica a Revolução Francesa. A segunda temática é abordada de forma a tentar compreender de que maneira essa crítica a revolução se estabelece a partir das idéias compartilhadas com Kant sobre a forma de uma crítica a própria moral e políticas engendradas a partir do Iluminismo e com a Revolução Francesa. Na terceira e última temática trago à tona novamente a questão do modelo de arte antiga, da crítica ao cidadão e ao Estado revolucionário e sua relação com a educação estética do homem para a superação da barbárie gerada por esta revolução. Com base nesses três argumentos, procurei construir uma idéia central e abrangente do pensamento de

Schiller que pudesse me fornecer instrumentos pra um futuro estudo mais aprofundado sobre os aspectos de sua obra e sua filosofia, sobretudo sobre a ótica da possibilidade de repensar a questão da educação estética baseada nas idéias de Schiller.

Friedrich Schiller e a educação estética do homem

Boa parte dos escritos e das idéias que conformam o pensamento de Schiller surgem a partir da leitura crítica da obra de Kant – principalmente a *Crítica a faculdade do Juízo* – e da tentativa de conferir uma identidade própria a seu pensamento e suas obras em relação às obras de Goethe. Schiller tenta demarcar sua especificidade em relação a Goethe, a quem, no entanto, não se negou a admitir admiração. Sobre Goethe, o próprio Schiller afirma: “Considero-o [a Goethe] como uma moça cheia de dengues a quem se deve engravidar para humilhá-la perante o mundo”.¹ Esta afirmação, pode demonstrar sua própria posição perante a Goethe: ao mesmo tempo, uma angústia em relação a si mesmo e as condições de superioridade que Goethe parecia gozar, assim como seus sentimentos em relação ao anseio de estabelecer alguma relação com o poeta.

Por sua vez, Goethe ainda demonstrou uma certa resistência a estabelecer qualquer tipo de troca com Schiller por considerá-lo preso ao que apontava como “os arroubos juvenis” do movimento do Sturm und Drang. Ainda que o próprio Goethe já houvesse, há dez anos passados, participado do movimento, já parecia acreditar ter aprendido a disciplinar seus impulsos em prol do amadurecimento de seu classicismo e transformação de sua “fúria” juvenil para um novo momento de criação. Assim, ele próprio já se encontrava num período de produção artística voltada para o modelo clássico. Entretanto, um pouco mais tarde, a aproximação entre Goethe e Schiller acabaria por acontecer, e seria justamente a questão da premissa do modelo clássico que iria possibilitar a relação entre ambos. Desta forma, a obra *Poesia ingênua e sentimental* indica a tentativa de Schiller de fundar em relação a Goethe seu próprio

¹ SCHILLER, F. *Sobre a educação estética*. São Paulo: Herder, 1963.

“modo de criação poética” e a retomada dos princípios kantianos para a discussão sobre razão e estética.

Com base nessas premissas, alcançada através do diálogo com Goethe, Schiller volta seus estudos para a arte e a cultura grega e para problematização da autonomia estética, questão que passa, então, a permear toda sua obra. A partir desta perspectiva, ambos passam a construir um “projeto clássico” que se baseia na antecipação da idealidade perfeita da suposta Antiguidade clássica e Schiller aprofunda uma tipologia de personalidades distintas do que seriam os poetas ingênuos e os sentimentais. Apesar das diferenciações bem marcadas estabelecidas por Schiller entre essas duas tipologias, ainda sim, ambas se complementam.

Essa formulação do ideal poético sentimental em oposição/complementação do ideal poético ingênuo é uma resposta a existência de Goethe – a quem Schiller caracterizava dentro da segunda tipologia – e uma tentativa de argumentar em favor de sua própria arte em comparação a arte daquele. Desta forma, em introdução a edição de 1963 de *Sobre a educação estética do homem*, Anatol Rosenfeld afirma que a arte de Schiller caracterizava-se também como um anseio de elucidar o próprio ser, já que ele próprio considerava a arte de Goethe mais espontânea e menos raciocinada, e buscava, através de suas teorias, justificar a sua própria – uma arte mais refletida –, que tanto diferia da do outro. Segundo Rosenfeld, é possível perceber também um esforço de Schiller para superar as circunstâncias da vida que não lhe foram tão favoráveis tanto quanto foram para Goethe.

Desta maneira, é na classificação tipológica de Schiller elaborada a partir das conturbadas relações com Goethe e presentes na obra *Poesia ingênua e sentimental* podemos perceber emergir e tomar força seus dois conceitos distintos de criação poética. Na concepção do autor a poesia ingênua classifica-se a partir do exemplo presente no que Schiller acredita figurar como uma unicidade do poeta grego com a natureza. Assim, o poeta grego ou ingênuo seria, ele mesmo, natureza. Em contrapartida, a poesia sentimental ou moderna pode ser caracterizada através da reflexão, do sentimento de natureza e seu poeta através da busca pela natureza. Essa diferenciação ocorre na medida em que “a natureza foi, pouco a pouco desaparecendo da vida humana como *experiência* e como *sujeito* (agente e paciente) nós a vemos assomar no mundo poético como *Idéia* e como *objeto* (...)”². Assim, enquanto o poeta

² SCHILLER, F. *Poesia ingênua e Sentimental*. São Paulo: Iluminuras, 1991, p.56

ingênuo experimenta a natureza como parte integrante dela, ao poeta sentimental, afastado desta experiência pelas contingências históricas, só restaria buscá-la como ideal. Segundo Schiller, no mundo antigo a arte e a natureza se complementavam, não existia entre elas nenhum tipo de separação ou cisão. Para o autor, como característica da modernidade, configura-se uma cisão natureza e cultura e a arte passa a ser vista em contraste com a natureza já que não é mais parte dela. Assim, nestas duas formas de criar estão todas as possibilidades da poesia: nos poetas ingênuos que criam, sem refletir, por um dom natural a partir de regras próprias e novas e nos poetas sentimentais que têm sua relação imediata com a natureza abalada pela experiência de uma cultura artificial e precisam recuperar a experiência da natureza. Aqui, percebemos que para que exista a poesia, a unidade entre espírito e natureza aparecem para o poeta sentimental como um ideal a ser alcançado e de cuja busca nunca se deve desistir.

Entretanto, a distinção que Schiller faz entre os dois modelos poéticos não guarda somente diferenciações do ponto de vista histórico (temporal), mas leva em conta também o aspecto estilístico e pessoal, visto que o próprio Schiller caracterizou Goethe como um poeta ingênuo. Assim, Ingênuo e sentimental, ainda que definam épocas diferentes, caracterizam-se muito mais através dos modos que, de uma forma geral, essas épocas e seus artistas se relacionavam com a natureza, podendo estes modos ultrapassarem ou perpassarem diferentes épocas além daquelas onde, teoricamente, foram concebidos.

Há na formulação dos conceitos schillerianos de ingênuo e sentimental, um aspecto ao qual o próprio autor atentou e que, em nossas impressões parece fundamental a própria elaboração do conceito de modernidade presente em sua obra. Para Schiller estes conceitos são interdependentes pois o ingênuo só poderia se revelar aos olhos do homem moderno dividido, dividido em sua natureza. É sob a ótica do artista sentimental e de sua condição de artificialidade diante da natureza que surge seu interesse pela natureza. Sendo determinado pelas convenções do mundo cultural e seguindo as leis morais, incapaz de um gesto espontâneo, o homem moderno comove-se com os objetos em que vê representada a força da natureza. É o sentimento de amor e respeito à natureza em meio a situações artificiais que define o conceito de ingênuo. Desta forma, Schiller estabelece uma relação de completude entre os conceitos, assim como afirma, também, o caráter de interdependência necessário tanto para compreensão tanto dos conceitos que formula, quanto das relações que caracterizam a modernidade a cultura antiga. Desta forma, vemos engendrar-se na obra de Schiller,

não só o conceito de poesia e poeta sentimental, mas também um conceito de sujeito na modernidade. Este sujeito é o homem cindido em sua essência, cujas relações entre cultura e natureza não consegue equilibrar.

Além da questão relativa a exemplificação da arte grega como modelo poético, as bases para construção desta relação entre Goethe e Schiller também encontram-se fortemente vinculadas, à intensa crítica que ambos estabelecem em relação a proposta revolucionária francesa e conseqüentemente a própria Revolução francesa e ao modelo de moral e política que estaria relacionado a revolução e a conformação do Estado francês. A partir destas restrições e com base na leitura de Kant, as ponderações de Schiller se encaminham para uma crítica reflexiva sobre os parâmetros que conduzem arte de seu tempo e para a defesa da autonomia das esferas estética, teórica e moral na construção do Estado. Segundo Kestler, “Schiller se interessa em demarcar o espaço da liberdade individual no seio da sociedade e do Estado (...) pois para ele, esta liberdade só é possível no contexto da liberdade do Estado, ou seja, a obtenção da liberdade só se realiza numa sociedade regida pelo direito”³. Acrescentamos, ainda, que é com tal intuito que Schiller desenvolve sua teoria sobre o belo e a arte. Assim, conforme nos aponta Ricardo Barbosa, as reflexões de Schiller concentram-se entre as esferas estética e moral e na tentativa de formular uma nova possibilidade de moral para a humanidade com base na cultura estética.

Sobre o período da revolução francesa, que é também o período conhecido a partir das idéias iluministas, apontamos dois importantes aspectos que influenciaram o pensamento dos filósofos e cientistas deste período histórico em questão: a emergência da consciência histórica e do conceito de razão que foi sendo concebido a partir de tal movimento. Com base nestes conceitos surgem também algumas questões e debates relativos à filosofia e a produção de conhecimento que alimentaram boa parte dos escritos e reflexões dos pensadores deste período. Estas problemáticas dizem respeito a questões referentes a dicotomização entre a possibilidade de construção de saberes a partir de um conhecimento empírico e um conhecimento racional *a priori*. À luz desses debates constituíram-se uma série de questionamentos acerca da validade ou possibilidade de um saber objetivo sobre a história, à arte, o gosto, e outros aspectos hoje considerados como parte, ou ainda, relacionados à *subjetividade* humana. A partir dos pressupostos fornecidos pelo engendramento da razão Iluminista, buscou-se

³ KESTLER, Izabela Maria Furtado. *Friedrich Schiller e a fundação do cânone da modernidade*. In: Fórum Deustch. Revista brasileira de estudos germânicos. Vol. X, 2006, p.91

investigar se estes aspectos da cultura humana poderiam ou não ser objeto de um conhecimento racional. Do ponto de vista da história da filosofia ocidental, é Kant que realiza a superação da contradição entre verdades racionais e verdade dos fatos, entre o racionalismo e sensualismo. No entanto, é inserido nesse conjunto de debates que localizamos o pensamento de Schiller em seu diálogo com Kant. Identificamos também em Schiller, assim como em Kant, um movimento de superação entre a dicotomia da razão prática e da razão pura e uma tentativa de superação da contradição entre natureza e cultura.

Para Schiller, era necessário estender a crítica da razão feita por Kant, ao âmbito da estética. Essa empreitada possibilitaria, ao contrário do que Kant acreditou, encontrar o conceito objetivo do belo que fosse capaz de figurar como princípio objetivo para o gosto, para sustentar a estética como uma ciência filosófica e possibilitar uma educação estética do homem. Sua finalidade era a de fazer uma crítica, mas também dar continuidade a um argumento que para Kant parecia finalizado. Com esse intuito Schiller pretendia lançar o olhar em uma nova questão da qual Kant se abstera, a questão da arte e do gosto na formação dos homens.

Conforme apontamos, em sua obra *Poesia ingênua e sentimental*, encontramos a definição de modernidade e do sujeito moderno a quem Schiller critica e a quem destina seu conceito de educação estética. Nesta obra, o autor caracteriza o sujeito moderno como aquele que, através das contingências civilizacionais, está cindido entre o mundo natural e o mundo moral, entre o mundo das vontades e da liberdade e o mundo das leis. Assim, a partir das críticas colocadas pelos problemas que a Revolução francesa engendrou, Schiller passa a acreditar que uma possível chave para a solução das questões do mundo político deveria ser forjada no mundo estético. Desta forma, nas obras de Schiller, o que parece também estar em questão é a elaboração de alternativa a idéia da Aufklärung diferente daquela relacionada a Revolução francesa e a racionalidade ocidental que a esta revolução esta imbricada. Para Schiller, a Aufklärung não foi capaz de levar o Estado a alcançar a liberdade e racionalidade desejadas. Schiller aponta que a Revolução e seus ideais de liberdade se originam a partir dela, mas se degeneram quando cai na barbárie e na violência. Na concepção do autor a revolução inicia-se como um produto da razão e do esclarecimento, mas degenera-se se tornando algo irracional. Na realidade, a barbárie da Revolução Francesa parece ter trazido a tona não somente a incapacidade do povo e do Estado francês em atingir a liberdade desejada, mas também uma sinalização para toda

humanidade que, de maneira semelhante à França, esta poderia também estar enveredando no mesmo caminho de volta a barbárie e a servidão e cujo objetivo da razão e da revolução era, justamente, superar. Estava exposto desta forma, o problema político e moral da construção do Estado burguês a partir da *Aufklärung* na concepção de Schiller.

No entanto, para Schiller, a violência da revolução caracterizava-se a partir de um problema de ordem não somente política e moral, mas, sobretudo de ordem estética. Segundo Ricardo Barbosa, para Schiller

(...) a exigência racional da liberdade [reivindicada pela revolução] permanece, e com ela, a de um sujeito social competente. Mas é justamente a ausência de um tal sujeito que Schiller deplora. Como um todo cindido e antagônico, a sociedade da época se equilibra pelo contrapeso dos seus males: de um lado a selvageria dos que vivem presos às coerções do reino das necessidades e às sujeições de todas as formas de tutela; de outro, a lassidão daqueles sobre os quais a *Aukklärung* tivera até então um efeito tão unilateral quanto superficial. (BARBOSA, p.25.)

A questão de ordem estética relacionada à citação acima, estaria justamente em formar esse sujeito social competente para alcançar a exigência racional de liberdade. O grande equívoco da revolução e do Estado francês estaria em acreditar que poderia alcançar a liberdade política e civil como elemento central de sua cultura sem antes preocupar-se com a formação deste cidadão. Ou seja, para Schiller, a grande obra política que a revolução não foi capaz de operar é formalizar uma tarefa pedagógica para começar a criar cidadãos para configurar o Estado antes de se configurar o Estado para educar os cidadãos. Em carta ao príncipe de Augustenburg e seu mecenas, Schiller afirma:

Se me é pois permitido dizer minha opinião sobre as expectativas e necessidade políticas do presente, confesso que considero extemporânea toda tentativa de uma constituição de Estado a partir de princípios (pois qualquer outra é mera obra de emergência e remendo) e como quimérica toda esperança nela fundada até que o caráter da humanidade tenha sido novamente elevado de sua

profunda decadência – um trabalho para mais de um século.
(BARBOSA. Ricardo Apud OELLERS, Norbert (org). *Schiller Werke. Nationalausgabe*, p27.T.A.)

Desta forma Schiller identificou que se o grande problema da revolução burguesa era a instituição da liberdade como obra de fundação do Estado, esse Estado necessita essencialmente ter como base de sua fundamentação justamente aquilo que ainda não havia sido formado, o caráter do cidadão. E para fugir desta armadilha política, haveria para Schiller, só uma possibilidade: a instituição de uma cultura estética. Em oposição e resposta a Revolução francesa, Schiller propõe, então, o Estado estético.

Em sua busca pelas respostas não somente às questões estéticas, mas as questões políticas que o afligiam Schiller vai traçando, na série de cartas escritas a seu amigo Körner – e posteriormente compiladas em livro sobre o título de *Kallias ou sobre a beleza* – as questões sobre estética que iriam orientar boa parte de seu pensamento: o tema da possibilidade de se estabelecer um critério objetivo para o belo. Para tal Schiller pontua primeiro a idéia que tem do que seja o belo, que é definido para ele como liberdade na aparência, ou seja, para ele algo é belo quando surge de maneira livre, autônoma. E como objetivo, Schiller entende aquilo que no objeto nos determina a julgá-lo como belo, isto é, a sua estrutura técnica. Desta forma, o belo para Schiller é, justamente, aquilo que pode conduzir a liberdade. Neste ponto consiste a busca de Schiller para dar continuidade ao que afirmava que Kant não conseguira fazer e em *Kallias* Schiller desenvolve o nexos entre o estético e o político, na tentativa de estabelecer um princípio unificador e norteador para a constituição da cultura.

Os descaminhos traçados pela Aufklärung no sentido de conduzir a revolução até o Estado racional são para Schiller fruto de uma cultura teórica com base em um conceito unilateral da Aufklärung e na crença desta razão esclarecedora. Para ele, essa cultura teórica e a razão prática, não dão conta de superar a contradição entre a natureza e a lei moral que a civilização impôs ao homem e, sobre a época em questão Schiller afirma: “assim vemos o espírito de época oscilar entre a barbárie e a frouxidão, liberdade de espírito e superstição, rudeza e delicadeza”⁴. Para solucionar o problema da contradição entre natureza e lei moral que configura não só a sociedade moderna, mas a própria formação do sujeito da modernidade, Schiller sustenta em suas reflexões

⁴ BARBOSA. Ricardo Apud OELLERS, Norbert (org). *Schiller Werke. Nationalausgabe*, p.25. T.A.

morais e estéticas, a idéia que, sem negar a validade universal e absoluta do imperativo moral desenvolvido por Kant, possa haver a ele a introdução do conteúdo sensível dado nas tendências naturais. Desta forma, situado entre a necessidade da natureza e a liberdade da vontade, a missão do homem seria, segundo Schiller, submeter a Natureza sem sacrificá-la, fazer da moralidade do homem uma segunda natureza com raízes em sua sensibilidade e não só na razão e na cultura teórica. Na proposta de Schiller, isso se dá na medida em que existem, na concepção do autor, duas dimensões no homem e que para o homem moderno configuram-se como antagônicas: a dimensão sensual e a formal. Ambas constituem-se como dois impulsos que não deveriam, em hipótese alguma, se relacionar de maneira hierarquizada (como vinha até então propondo a razão revolucionária para a constituição de sua moral), mas que deveriam construir a vida como um jogo, se complementando, a exemplo da cultura antiga. A própria idéia de cultura pode ser vista na obra de Schiller, como produto destes dois impulsos, no entanto, a civilização moderna submeteu o impulso sensual ao formal, a sensualidade à razão e para promover essa conciliação, Schiller pensa num terceiro impulso: o lúdico. Este impulso promove a beleza como ordem e a liberdade como fim e viabiliza uma transformação em todas as maneiras de pensar e sentir do ser humano. Assim Schiller pretende que o estético esteja presente em todos os níveis da existência, categorizando-se como forma de conhecer e agir no mundo e possibilitando a construção de um Estado estético onde a moral possa ser formulada a partir destes princípios norteadores do novo cidadão.

Schiller vê no estado estético não só um plano intermediário entre necessidade e a liberdade para atenuar a lei moral. O estético é, ele mesmo a condição da moralidade, a forma adotada para a conciliação do sensível e do moral. Segundo sua concepção de moral, subjugar o moral ao sensível significaria destruir o fundamento da moralidade, ao passo que, querer, de forma semelhante, submeter incondicionalmente o sensível ao moral equivaleria a negar a existência vigorosa de uma tendência sensível. Assim, o Estado estético apresenta-se como uma possibilidade de conciliação que não exclui os contrários e que faz do homem um ser pleno em seu desenvolvimento moral.

Sobre os estudos que Schiller empreende sobre a cultura clássica, nos parece que Schiller não estabelece de fato um critério de superioridade da cultura ou da arte antiga em relação à moderna, mas busca compreender através do fascínio que ela ainda exerce aos homens modernos e através das relações que estes estabelecem com ela, em que aspectos esta arte poderia ser usada como modelo para responder às críticas feitas

em relação a arte de seu tempo e a própria política cultivadas pelos homens modernos. Parece-nos que na concepção de Schiller, existe na educação estética e na arte moderna, uma possibilidade de (re)instaurar a relação cindida entre natureza e cultura, não mais pela via do resgate da experiência grega, mas através da construção de outra forma de relação entre o mundo natural e o mundo histórico. Para Schiller, a instauração do jogo, do impulso lúdico no homem seria capaz de harmonizar as forças opostas da natureza e da moralidade. Assim, o impulso lúdico⁵ ergue como ideal um terceiro reino de jogo e aparência que liberta da coerção moral e física – o reino da liberdade estética.

Desta forma, Schiller viabiliza a criação de um estado estético em que o impulso lúdico da criação artística educa o homem para liberdade harmonizando os opostos e possibilitando a construção de uma moral que forneça os alicerces para a fundação de um Estado verdadeiramente racional e estabelece, segundo Pedro Süsserkind, não um apontamento sobre uma supremacia da cultura antiga em relação a moderna, mas uma relação de reduplicidade entre ambas:

O que constitui seu caráter [do poeta ingênuo relacionado à antiguidade] é exatamente aquilo que precisamos para a completude do nosso; o que deles nos distingue é exatamente aquilo que lhes falta para a divindade. Somos livres e eles necessários; mudamos, eles permanecem iguais. Mas apenas quando se ligam uns aos outros – quando a vontade segue livremente a lei da necessidade e a razão afirma sua regra (...) – é que surge o divino [antiguidade] ou o Ideal [modernidade]. (SCHILLER, 1991, p.44)

Assim, ao passo para os gregos ele também pôde não ter se realizado por completo já que, enquanto reino sobre-humano e transportado para o Olimpo, não poderia ser (ou não foi) realizado em Terra⁶, para o homem moderno esse Estado estético deve se constituir como uma busca incessante pela via do ideal.

⁵ SCHILLER, F. *Poesia ingênua e sentimental*. São Paulo: Iluminuras, 1991.

⁶ SÜSSEKIND, P. *Schiller e os Gregos*.

Bibliografia:

BARBOSA, Ricardo. *A especificidade do estético e a razão prática em Schiller*.

Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2005000200008

_____. *Schiller e a cultura estética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

KESTLER, Izabela Maria Furtado. *Friedrich Schiller e a fundação do cânone da modernidade*. In: Fórum Deutch. Revista brasileira de estudos germânicos. Vol. X, 2006.

_____. *Friedrich Schiller X Friedrich Schlegel: confrontos e convergências em torno da fundamentação da modernidade*. Disponível em: www.abralic.org.br/enc2007/anais/53/94.pdf

MORA, Ferrater. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Edições Loyola. Tomo IV.

SCHILLER, Friedrich. *Kallias ou sobre a beleza*. A correspondência entre Schiller e Korner. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

_____. *Sobre a educação estética*. São Paulo: Herder, 1963.

_____. *Poesia ingênua e sentimental*. São Paulo: Iluminuras, 1991.

_____. *Sobre poesia ingênua e sentimental*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003.

SÜSSEKIND, Pedro. *Schiller e os gregos*. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100512X2005000200009&script=sci_arttext